

Lina Costa

Acredita numa prática feita de proximidade, escuta e presença contínua.

A sua ligação à enfermagem começou de forma inesperada, mas acabou por se revelar uma paixão para a vida.



Lina Paula é enfermeira há mais de três décadas, mas continua a falar da sua profissão com o entusiasmo de quem acabou de descobrir a vocação. Natural da Madeira, hoje vive no Funchal, onde lidera com dedicação a consulta de estomaterapia no Hospital Central da ilha.

Confessa que, em jovem, o plano era outro. Candidatou-se ao curso de Farmácia em Coimbra, mas a doença e posterior falecimento do pai fizeram-na mudar de direção - “Estive muito próxima dos cuidados que foram prestados ao meu pai e percebi ali o verdadeiro valor da enfermagem”, conta. O contacto com a dor, a ausência de respostas e a sensação de impotência deixaram marcas profundas — e também um propósito. “Na altura procurei ajuda, alguém que me explicasse, que me orientasse, mas não havia. Quando anos depois me foi oferecida uma bolsa para estudar estomaterapia em Espanha, senti que era a minha vez de estar ali para os outros.”

Foi a quarta enfermeira portuguesa a formar-se em estomaterapia. Na altura, ainda não existia formação específica em Portugal e o trabalho com doentes ostomizados era feito muitas vezes por improviso. Conhecida por adaptar materiais e encontrar soluções criativas para colmatar a falta de dispositivos foi o reconhecimento da sua dedicação que levou à atribuição dessa bolsa para a Universidade Pública de Navarra, que aceitou apesar de ter dois filhos ainda pequenos. “Foi difícil, mas senti que não podia recusar. Sem o apoio do meu marido, não teria sido possível.”



O regresso à Madeira marcou um ponto de viragem. Foi convidada pela própria instituição a criar a primeira consulta estruturada de estomaterapia no arquipélago: “não tive de convencer ninguém. A Direção de Enfermagem sabia que era preciso. Isso fez toda a diferença.” Desde então, tem acompanhado doentes de todas as idades, de todas as condições, desde neonatologia até idosos centenários. Com um percurso pioneiro, também esteve envolvida na fundação da APECE – Associação Portuguesa de Enfermeiros de Estomaterapia – da qual foi um dos rostos iniciais.

“Não acredito no cuidar sem envolvimento. Nunca consegui encontrar essa fórmula.”

Para muitos dos seus doentes, é uma referência e um porto seguro. Muitos mantêm o contacto anos depois, e é comum ser procurada diretamente por famílias e até por profissionais de saúde que confiam no seu saber e sensibilidade.

Na Madeira, a realidade traz outros desafios. Para além dos residentes, acompanha frequentemente turistas ostomizados que a procuram durante as férias: “muitos não deixam de viajar por causa da ostomia. E alguns chegam até mim à procura de novidades ou ajuda técnica.” Uma dessas experiências levou-a a descobrir o primeiro saco biodegradável de ostomia — trazido por um turista inglês durante os incêndios na ilha: “foi ele quem me mostrou. Fiquei fascinada. Era o que eu sempre tinha imaginado.”

Ao longo dos anos, tem lutado por uma mudança que considera essencial: a possibilidade de prescrição de dispositivos de ostomia por parte dos enfermeiros estomaterapeutas - “somos nós que conhecemos o doente, que o acompanhamos, que sabemos o que é preciso. É inconcebível continuarmos dependentes de prescrições médicas para algo tão técnico e específico.”



A estomaterapia, diz-nos, não se resume ao momento da cirurgia. É um acompanhamento para a vida: “tenho doentes há mais de vinte anos. Vejo-os crescer, envelhecer, mudar. Alguns dizem-me que a ostomia lhes deu uma nova vida. Que finalmente deixaram de viver presos à casa de banho. Para esses, o saco não é um fim. É um recomeço.”

Se pudesse voltar atrás, escolheria tudo de novo: “Eu sou apaixonada pelo que faço. Não sei fazer outra coisa tão bem. Seria enfermeira sempre.”